



CARTA MENSAL

#junho/2024



Gilberto Kfourir Jr.
CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

“Após o debate, com o desempenho de Biden considerado como desastroso, essa diferença se agravou e Trump se encontra com quase 3 pontos de vantagem. Há rumores sobre a desistência de Biden em concorrer à presidência e hoje, no mercado de apostas, cresce a probabilidade de Kamala Harris, sua vice, ser a candidata Democrata. Com Trump na dianteira, o dólar reage às suas propostas de campanha de maior protecionismo com imposição de tarifas e restrição de entrada de imigrantes.

o fortalecimento do dólar ao longo de todo esse ano tem pressionado diversas moedas, principalmente na América Latina. No entanto, o Brasil apresentou um grande descolamento em relação a esses pares e apresentou uma desvalorização ainda mais acentuada nesse período. A média de desvalorização de moedas de alguns países da Latam (México, Colômbia, Peru e Chile) foi de aproximadamente 6% esse ano, enquanto o Real já desvalorizou mais de 10%.”

ECONOMIA INTERNACIONAL

Ao longo de junho, o dólar se fortaleceu perante seus pares, revertendo em grande parte o movimento de queda observado desde meados de abril. Desta vez, os fatores que sustentaram o dólar no mundo estão mais relacionados eventos políticos, tanto domésticos quanto externos, do que a dados econômicos divulgados nesse período. Enquanto os eventos políticos pressionaram o dólar, os dados dos EUA apresentaram uma dinâmica mais benigna, com arrefecimento da inflação, moderação na atividade e rebalanceamento do mercado de trabalho, o que seguiu as taxas dos títulos americanos de 2 anos.

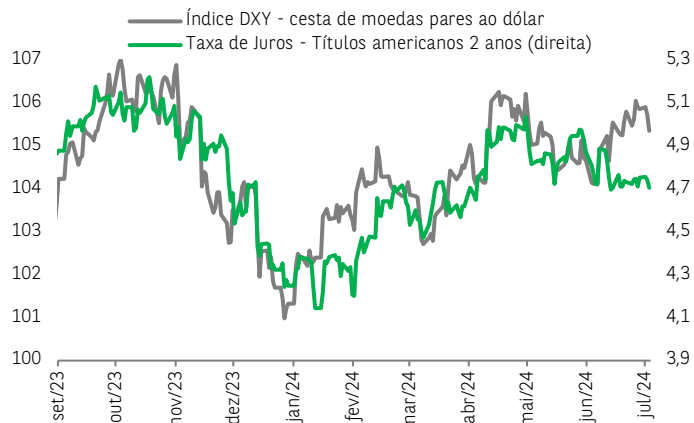
Primeiramente, olhando para os acontecimentos políticos externos aos EUA, o mercado reagiu a resultados negativos das eleições do Parlamento Europeu, com partidos de extrema direita ganhando força, desencadeando uma antecipação das eleições para a Assembleia Nacional na França, com o Reagrupamento Nacional partido de Marine Le Pen sendo vitorioso no 1º turno. Outras eleições também contribuíram para o viés de alta do dólar, como a do México, que garantiu ao partido incumbente e à nova Presidente, Claudia Sheinbaum, maioria qualificada na Câmara e maioria absoluta no Senado (faltando apenas 2 assentos para a maioria constitucional), elevando chances de reformas institucionais consideradas negativas a mercado. Na Índia, houve uma decepção no desempenho do partido do Primeiro-Ministro Narendra Modi, que não alcançou a maioria necessária para formar o governo, o que pode dificultar seus planos de liberalização trabalhista e agrária. Paralelamente, na Inglaterra, o Primeiro-Ministro Rishi Sunak convocou antecipadamente eleições gerais para o início de julho e, segundo as pesquisas, o Reino Unido caminha para uma vitória do Partido Trabalhador, encerrando uma era de 14 anos de governo conservador.

Quanto à política nos EUA, junho foi marcado pelo avanço das chances de Trump vencer as eleições. Ao longo do mês, Trump foi ganhando força nas pesquisas nacionais, abrindo vantagem em relação a Biden, saindo de uma diferença de cerca de 0,6 pontos na média de pesquisas para 1,5 pontos na véspera do debate.



“O Brasil apresentou um grande descolamento em relação a seus pares e apresentou uma desvalorização ainda mais acentuada da moeda no período.”

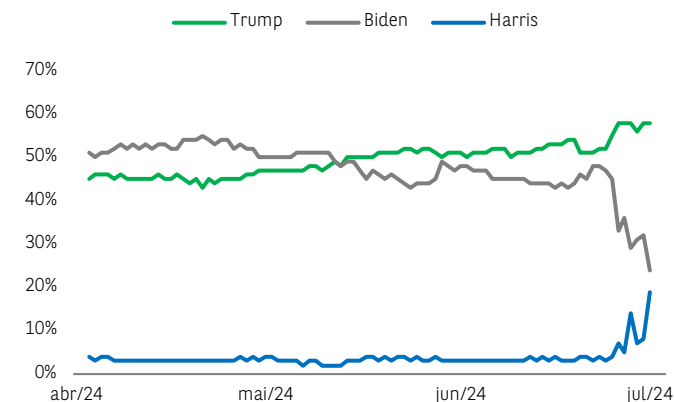
Gráfico 01

Dólar e Juros Americano de 2 anos

Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 28 de junho de 2024.

Após o debate, com o desempenho de Biden considerado como desastroso, essa diferença se agravou e Trump se encontra com quase 3 pontos de vantagem. Há rumores sobre a desistência de Biden em concorrer à presidência e hoje, no mercado de apostas, cresce a probabilidade de Kamala Harris, sua vice, ser a candidata Democrata. Com Trump na dianteira, o dólar reage às suas propostas de campanha de maior protecionismo com imposição de tarifas e restrição de entrada de imigrantes.

Gráfico 02

Probabilidade de ganhar eleição para presidente dos EUA - Mercado de Apostas

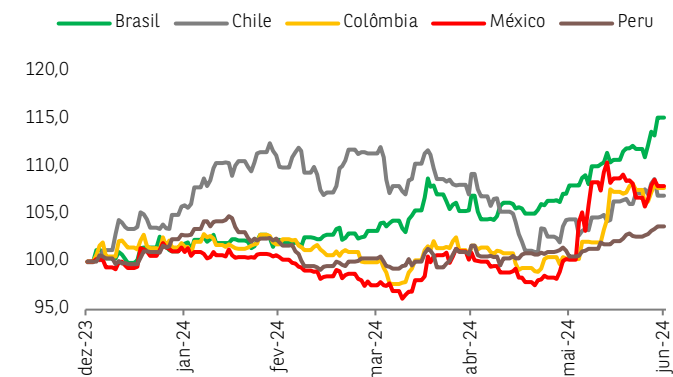
Fonte: Predictit. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 28 de junho de 2024.

ECONOMIA BRASILEIRA

Além desse mês, o fortalecimento do dólar ao longo de todo esse ano tem pressionado diversas moedas, principalmente na América Latina. No entanto, o Brasil apresentou um grande descolamento em relação a esses pares e apresentou uma desvalorização ainda mais acentuada nesse período. A média de desvalorização de moedas de alguns países da Latam (México, Colômbia, Peru e Chile) foi de aproximadamente 6% esse ano, enquanto o Real já desvalorizou mais de 10%. Tal divergência se deve, em parte, a incertezas sobre o futuro da política monetária, com a credibilidade do BC em jogo, mas principalmente sobre o futuro da política fiscal, com o arcabouço fiscal proposto pelo próprio governo em xeque, além da dificuldade de alcançar o piso da meta de primário estabelecido para esse e os próximos anos.

Do lado da credibilidade da política monetária, as expectativas de inflação no Boletim Focus continuam subindo, com as medianas de 2024 atualmente em 4%, de 2025 em 3,9% e de 2026 em 3,6%, todas acima da meta de 3%. Além disso, a mediana da projeção do dólar correspondente à essas expectativas de inflação são de R\$ 5,20, abaixo do valor atual, próximo a R\$ 5,50. Isso significa que, caso o câmbio se consolide nesse patamar mais elevado, as expectativas de inflação podem continuar subindo nas próximas semanas. Isso torna o trabalho do Banco Central de convergência à meta mais árduo e foi um dos principais motivos o fizeram interromper o ciclo de corte de juros em sua última reunião.

Gráfico 03

Taxas de Câmbio

Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 28 de junho de 2024.



Diante dessa disparada do dólar, o BC adotou uma postura vigilante e cautelosa, mantendo a taxa Selic parada em 10,50% até ter maior clareza acerca do cenário a frente. Nesse momento, não é possível ter certeza se o próximo movimento do BC sobre os juros será de redução ou de elevação. No entanto, segundo suas projeções de inflação no último comunicado do COPOM, o BC se mostrou confortável em manter a Selic no patamar atual ao longo desse e do próximo ano.

Nesse cenário, é fundamental a credibilidade de que o BC fará o que for necessário para levar a inflação para a meta. A decisão unânime do comitê na última reunião evitou uma deterioração adicional dessa credibilidade, pois sinaliza alinhamento entre todos os diretores sobre a necessidade dessa postura mais dura na condução da política monetária. No entanto, as críticas do Presidente Lula em relação ao BC e à sua independência foram interpretadas pelo mercado como um risco à autonomia da futura diretoria no ano que vem, contribuindo para a desvalorização do dólar.

Mais importante que os ruídos em torno do BC para a piora do câmbio foi a sequência de eventos relativos à deterioração fiscal. Ao longo do mês de junho, ficou claro o esgotamento da agenda do governo de elevação de receitas, por inviabilidade política, e ficou latente a necessidade de corte de gastos para o cumprimento do arcabouço fiscal – limite de crescimento do gasto real de 2,5% em relação ao ano anterior.

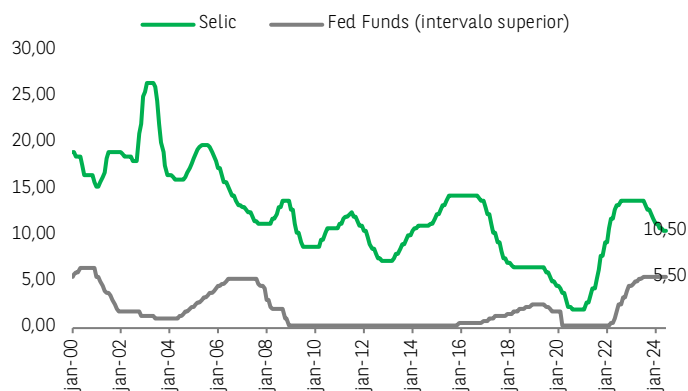
Até o último relatório bimestral de receitas e despesas, o governo vinha superestimando receitas e subestimando despesas em relação ao esperado pelo mercado. Essas projeções irrealistas levantaram dúvidas sobre a disposição do governo em efetuar o bloqueio necessário para cumprir o teto de gastos. Para amortecer tal desconfiança, será necessário um bloqueio de gastos de, no mínimo, 10 bilhões como sinalização ao mercado de que o governo é capaz de cortar gastos caso suas projeções de fato não se concretizem.

Além disso, há uma preocupação sobre a evolução de gastos obrigatórios nos próximos anos que passarão a comprimir despesas discricionárias que, por sua vez, poderia levar a uma paralisação das operações do governo.

Isso ocorreria principalmente por causa da dinâmica de crescimento dos pisos de saúde e educação e vinculação dos gastos previdenciários ao salário-mínimo, que passou a ter aumentos reais. Esse cenário levaria a dois caminhos: reformas e desvinculação de gastos obrigatórios – positivo a mercado – ou uma mudança do arcabouço fiscal – negativo a mercado. Enquanto o governo não adotar mudanças estruturais a esse respeito, navegaremos nesse ambiente de incerteza acerca da trajetória de dívida e alta volatilidade no câmbio e nas taxas de juros.

Gráfico 04

Taxas de Juros Brasil e EUA (%)



Fonte: BCB e Federal Reserve. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 31 de maio de 2024.



Andressa Castro
Economista-chefe



“Ficou claro o esgotamento da agenda do governo de elevação de receitas, por inviabilidade política, e ficou latente a necessidade de corte de gastos para o cumprimento do arcabouço fiscal.”

RENDA FIXA E MULTIMERCADO

COMPORTAMENTO DO MERCADO

O desempenho negativo permaneceu entre os ativos de renda fixa, com destaque para o segundo mês consecutivo de perdas superiores a 2% no IMA-B5+ (-2,25%). Apenas o IMA-B5 ficou positivo (+0,39%), ainda que abaixo do CDI. O BNP RF fechou em +0,74% e o Sigma Institucional +1,23%, ante o CDI de 0,79%.

NOSSA VISÃO

Do exterior, as expectativas para o FED ficaram razoavelmente estáveis no último período, com consenso de corte dividido entre setembro e dezembro desse ano. Ou seja, cenário externo manteve-se neutro, o que para ativos de risco soa até positivo, tanto que vimos o S&P 500 renovar máximas históricas ao longo do mês. No segundo semestre podemos ver mudanças nesse quadro, à medida que se aproximam as eleições americanas.

O Banco Central do Brasil interrompeu o ciclo de queda da Selic, mantendo-a em 10,50%. Cenário global incerto, atividade local resiliente e expectativas inflacionárias desancoradas foram os argumentos para uma postura mais conservadora. Mantiveram, no entanto, a avaliação de simetria no balanço de riscos para inflação. Ao contrário da decisão anterior, houve unanimidade entre os diretores, o que ajudou a apaziguar os ânimos em torno do Copom. Embora não tenham dado sinal algum sobre próximos passos, as projeções de inflação, bem como declarações dos integrantes do comitê, deram entender que o plano é manter os juros no mesmo

patamar por bastante tempo, sem pistas sobre a direção do próximo movimento, se de alta ou de baixa.

Na carta passada comentávamos sobre a dificuldade em se estimar nível de prêmio adequado em contexto de crise de credibilidade. Esse desafio se intensificou substancialmente, à medida que o nível de ruído ganhou vários decibéis, muito além do recomendado para a saúde econômica do país. A começar pelas contas públicas. O impasse sobre a situação fiscal consumiu calendário sem apresentar soluções críveis que viabilizem o cumprimento das metas previstas no arcabouço fiscal. Pelo contrário, ficou mais evidente as restrições políticas a uma agenda de corte de gastos ou desindexação do orçamento federal, uma agenda cara ao presidente Lula.

Em outra frente de incerteza, deteriorou-se substancialmente o relacionamento do Executivo com o Banco Central, através de um debate aberto, travado pela imprensa, gerando ruídos que se refletiram em aumento de prêmio de risco tanto na curva de juros como no dólar, com consequente piora nas expectativas inflacionárias. No meio do jogo político, é muito difícil ter clareza do que restará de todo barulho gerado, o que efetivamente se concretizará em ações, mudanças de diretrizes econômicas e rumo para o país. Sem esses parâmetros, fica a incerteza, que o mercado traduz em prêmio de risco. Mas a depender da extensão desse período de escuridão, as consequências vão surgindo. Lá vitimou um ciclo de queda de juros, interrompidos no meio do caminho. A depender da persistência da desvalorização do Real, o improvável cenário de alta da Selic pode ganhar terreno.

O conservadorismo como premissa em nossas posições se mostrou valioso na turbulência recente. Mantemos a posição em NTN-Bs em vencimentos intermediários, usando o DI em posições táticas, predominantemente comprados.

Michael Kusunoki
Head Renda Fixa & Multimercados



CRÉDITO PRIVADO

O mercado de crédito continuou numa dinâmica positiva no mês de junho, com as captações líquidas superando os R\$50 bi em fundos de crédito e infra, impulsionada pela aversão ao risco dos investidores e a preferência por ativos líquidos e de curto prazo. As emissões primárias totalizaram um volume elevado de (R\$59 bi), porém um ponto de atenção e o nível relativamente baixo e em queda do percentual distribuído (37%), mostrando uma seletividade maior por parte dos investidores, com emissões com prazos cada vez mais longos e spreads mais baixos. O mercado secundário teve um volume recorde de transações (com mais de R\$70 bi).

Os ativos de crédito privado tiveram um desempenho positivo no mês, devido ao carregamento e fechamento contínuo dos spreads, chegando no menor nível no CDI+ desde junho 2022 e agosto 2022 em infra, e nos aproximando cada vez mais dos mínimos históricos. Com esse nível, podemos esperar que o desempenho dos ativos passe a ser mais determinado pelo nível do carregamento.

Desta forma, para as nossas carteiras de crédito privado que investem primordialmente em ativos indexados ao CDI, continuamos as alocações em ativos com prazo até 36 meses, de forma muito seletiva, e com atuação maior no mercado secundário. Setorialmente a alocação em bancos tem aumentado por conta da redução do prêmio entre o ativo de crédito de banco e o corporativo não financeiro. Buscamos manter nossa alocação em ativos de crédito e o prazo médio das carteiras dentro das faixas que estabelecemos. Objetivamos assim otimizar a relação yield e prazo médio da carteira. Continuamos a manter a estratégia taticamente em modo conservador por conta dos riscos percebidos: a incerteza sobre o novo arcabouço da política fiscal brasileira, a execução orçamentária no Brasil sob as regras aprovadas em 2023, a incerteza sobre o rumo da política monetária dos EUA e a permanência das tensões geopolíticas.

Na nossa estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA está próxima aos 90%. A *duration* da carteira é superior ao IMA-B5 em função de menor alocação em títulos até 2025 e maior alocação em títulos que vencem a partir de 2030. Acreditamos que nesta nova fase do ciclo monetário, ativos indexados à inflação com *duration* intermediário oferecerão excelente oportunidade de diversificação, principalmente em carteiras que tenha alta concentração em CDI. Pontuamos mais uma vez que o nível atual dos spreads para os ativos em IPCA, mesmo que menores que os observados no início de 2023, associado ao nível ainda elevado da curva de juros real torna os ativos de infraestrutura particularmente atraentes.



Henri Rysman de Lockerente
Head de Crédito Privado

RENDA VARIÁVEL

Junho manteve a tendência de normalização dos mercados globais, auxiliado por dados de inflação mais benignos nos Estados Unidos, o que aumentou a possibilidade de corte de juros ainda neste ano. Dito isso, o índice S&P fechou o mês em alta de 3,47%, terminando o primeiro semestre de 2024 com uma alta acumulada de 14,48%. Esse movimento foi acompanhado pelos principais mercados desenvolvidos, onde podemos ver o MSCI World fechando o semestre em alta de 10,81% e o mês com 1,93%. Já os mercados europeus fecharam o mês em queda de 1,80%, causada principalmente pelas tensões políticas na Europa após as eleições para o Parlamento Europeu. Todavia, o índice ainda fechou o semestre positivo, subindo 8,24%.

Nos mercados emergentes, junho foi um mês positivo, com o *MSCI Emerging Markets* subindo 3,55% no período, puxado principalmente pela forte performance das bolsas de Taiwan, Coreia do Sul e Índia. Em contrapartida, os mercados latino-americanos fecharam o mês em queda de 6,78%.

Falando de commodities, o índice CRB (índice de commodities desenvolvido pela Bloomberg) fechou o mês em queda de 1,26%, causada principalmente pelo movimento de queda do minério de ferro, enquanto o barril de petróleo continuou apresentando um movimento positivo no mês.

No mercado local, mesmo com a manutenção das incertezas fiscais e monetárias que persistiram em junho, gerando um cenário de estresse na curva de juros local e no câmbio, a bolsa conseguiu fechar o mês com alta de 1,48%, enquanto o índice *Small Caps* fechou o mês com queda de 0,39%. No semestre, os dois índices estão em cenário negativo, com o Ibovespa registrando uma queda de 7,66% e o *Small Caps* de 14,85%. O técnico do mercado local continua pressionado, com junho registrando uma saída de 4,7 bilhões de reais de investidores estrangeiros, totalizando um *outflow* de 40,6 bilhões de reais no ano. Além disso, tivemos a continuidade do movimento de resgates dos fundos de ações e multimercado localmente.

Os ativos de risco nos mercados desenvolvidos (DM), particularmente os Estados Unidos, terminaram o semestre com performance positiva, mesmo com taxas de juros mais elevadas. O que inicialmente parece um movimento contraditório é explicado pela expectativa positiva de crescimento da economia norte americana, que se mostra resiliente mesmo em um cenário de aperto monetário. Soma-se a isso a performance positiva do setor de tecnologia, encabeçado pelo grupo de ações conhecido como "*magnificent 7*", que apresenta tendências positivas de lucratividade, mas que também surfa temas estruturais como inteligência artificial e semicondutores. Por fim, ainda existe a

expectativa do início de um ciclo de cortes de juros nos Estados Unidos, que parece ter sido apenas prorrogada para o final de 2024 ou início de 2025.

Já no mercado local, a prorrogação do ciclo de afrouxamento monetário norte americano faz com que a atenção do mercado se voltasse para discussões internas. Uma vez que a combinação de câmbio depreciado, nível de gastos do governo e inflação fizeram o banco central brasileiro interromper seu ciclo de cortes de taxa básica de juros, a política fiscal do governo passou a ser o cerne das preocupações. O governo, que vinha buscando zerar o déficit público através do incremento de receitas, agora tem dificuldades de encontrar alternativas de arrecadação, enquanto cortes relevantes de despesas parecem ser menos prováveis.

Neste cenário onde as despesas públicas crescem mais do que as receitas, não surpreende que o Real seja uma das moedas com pior performance em 2024. Frente ao dólar, desvalorizou 6,1% no mês de junho, acumulando uma queda de aproximadamente 13% no ano. Esse movimento de câmbio enfraquecido retroalimenta as pressões inflacionárias e aumenta a desconfiança do mercado quanto ao cumprimento das metas de inflação, mesmo com taxas de juros nos níveis atuais. Na verdade, já observamos movimentos na parte curta da curva de juros que precificam um aumento na taxa básica de juros, enquanto a alguns meses atrás a expectativa era de continuidade no ciclo de cortes.

Em um cenário de crescimento de lucro e performance positiva em ativos DM, e incertezas dominando as discussões no Brasil, fica clara a preferência do investidor estrangeiro, que foi responsável por uma saída líquida de aproximadamente R\$40 bilhões da bolsa brasileira durante o primeiro semestre de 2024.

Um possível alívio nos fluxos de saída de investidores estrangeiros poderia ter vindo do aumento no sentimento de incerteza em outros dois mercados emergentes: México e Índia. Ambos os países eram vistos como destino preferidos de investidores devido a dinâmica positiva de crescimento advinda de narrativas estruturais como crescimento populacional, aumento de produtividade e *near shoring*. Consequentemente, os ativos de risco de ambos os países já refletiam este otimismo nos preços. Entretanto, os resultados das eleições gerais tanto no México quanto na Índia frustraram os investidores. No México, o partido de esquerda, do atual presidente, não somente elegeu seu sucessor como também conquistou a maioria no congresso, concentrando o poder de forma relevante. Já na Índia, observou-se o contrário. A coalisão do atual governo, visto como pró negócios e pró mercado, perdeu a maioria do congresso e diminuiu sua autonomia.

O aumento na incerteza nestes países gerou uma correção na alocação de investimentos estrangeiros, o que poderia ter sido redirecionado ao Brasil. Entretanto, mesmo estando barato em termos de múltiplos de Preço/Lucro, a bolsa local não atraiu o investidor estrangeiro, que em média aumentou sua exposição a China ou acabou diminuindo sua exposição a mercados emergentes.

Ainda vemos o possível início do ciclo de cortes de juros como um gatilho para o aumento de apetite de ativos de risco em mercados emergentes. Entretanto, esse início não deve acontecer antes do fim de 2024. Neste cenário de prorrogação de cortes de juros americanos, baixa atratividade relativa de mercados emergentes, e pouca visibilidade no cenário fiscal Brasil, optamos por manter um posicionamento cauteloso.

Seguimos buscando empresas com crescimento de lucro e rentabilidade atrativa e com baixo índice P/E, com o intuito de reduzir a *duration* do portfólio, até que tenhamos mais clareza de uma oportunidade de compra para os demais ativos.

Marcos Kawakami
Head Renda Variável



FUNDO DE FUNDOS

Para fecharmos o primeiro semestre, tivemos dados mais positivos sobre a desaceleração da atividade global vinda da economia americana. Com esses resultados mais positivos na margem, as bolsas ligadas ao setor de Inteligência Artificial performaram bem no mês e com a curva de juros cedendo. No local, tanto a parcela de renda variável quanto renda fixa pré-fixada sofreram e não conseguiram acompanhar o bom-humor externo.

Em junho, os dados no mercado de trabalho dos Estados Unidos mostraram uma desaceleração considerável em números de vagas abertas e elevação dos pedidos de seguro-desemprego. A parcela de consumo de bens tende a diminuir no segundo trimestre, assim como a parte imobiliária, por conta da taxa do financiamento. Os dados de inflação vieram mais positivos na margem, mas o Banco Central Americano manteve o discurso de que será data dependente, ou seja, precisará de mais confiança nos dados para que inicie o corte de juros. No entanto a chance do corte em setembro ganhou mais visibilidade após os dados melhores durante esse mês. Outro vetor importante para o país será a eleição presidencial que acontece em novembro. No primeiro debate o desempenho do presidente americano foi decepcionante e elevou as especulações sobre uma possível substituição do próprio e que pode trazer mais incertezas na sucessão e preços dos ativos. Na Zona do Euro, mesmo com uma inflação de serviço ainda incomodando, o Banco Central Europeu iniciou o ciclo de cortes, mas sem sinalizar cortes nas próximas reuniões. O mercado especula que o próximo corte só virá após o FED iniciar o ciclo de corte de juros nos Estados Unidos.

No cenário local, seguimos a dinâmica do mês anterior. Os ativos não acompanharam os ventos positivos por conta dos problemas internos, com exceção da bolsa doméstica que teve uma performance positiva. O vetor dominante segue sendo o fiscal, com todo o expansionismo nas contas públicas com auxílios sociais, aumento reais nos salários de funcionários públicos, pressionado as despesas obrigatórias e, portanto, reduzindo o espaço para as despesas discricionárias. Somado a isso, temos um discurso de “não contingenciamento”, o que aumenta ainda mais os prêmios na curva de juros e faz com que o câmbio se deprecie, que foi o que vimos no mês. Apesar da inflação seguir ao redor da meta, a desvalorização do real somada ao desancorar das expectativas, faz com que a inflação futura seja maior, podendo levar o Banco Central a subir os juros.

Em nossos mandatos “CDI+”, o resultado foi aquém do esperado. O cenário local com muita volatilidade e sem alívio, diferente do que temos no ambiente externo. Em relação as classes, a nossa seleção de Multimercados e *Long Bias* com dispersão de resultados. Alguns fundos positivos e acima do CDI e outros negativos nominalmente, principalmente pela abertura de juros. A parcela de *Long & Short* com resultados positivos e levemente acima do CDI, com a performance positiva da bolsa local.

Nos benchmarks compostos, os resultados foram em linha com o esperado, mesmo com a classe de Multimercado Estruturado e Renda Variável sofrendo um pouco mais do que os índices. A parcela de Renda Fixa Ativa e Renda Variável no Exterior nos ajudou. O Ibovespa retornou (1.48%), *Small Caps* (-0.39%), na parcela de Renda Fixa o IRF-M (-0.29%), IMA-B (-0.97%), IMA-B5 (0.39%) e o IMA-B5+ (-2.25%).

Completamos seis meses do ano e seguimos falando de redução de risco. Hoje, as carteiras seguem no target dos benchmarks. Seguimos reduzindo a parcela de Estruturado e Renda Variável, esperando uma melhora do cenário para que possamos voltar. A parcela de Renda Fixa se mostrou mais resiliente no mês, com a nossa carteira conseguindo performar acima do CDI, o que também se torna uma aposta para os próximos meses. Iniciamos uma alocação ligada a Estados Unidos e crescimento, que segue performando bem e servindo também de proteção pela parcela cambial. No mais, entendemos ser um momento ainda volátil e continuamos de olho no desenrolar do próximo semestre.

João Uchoa Borges
Head Fundo de Fundos



ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Junho	0,79%	-0,29%	0,05%	-0,97%	0,39%	6,30%	1,48%	1,51%	-0,39%
2024	5,22%	1,51%	2,42%	-1,10%	3,32%	15,17%	-7,66%	-7,20%	-14,85%
12 meses	11,86%	8,33%	8,69%	3,93%	8,44%	16,51%	5,43%	6,04%	-9,32%

DISCLAIMER

Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas “BNP Paribas” e tem fins meramente informativos, não se caracterizando como oferta ou recomendação de investimento ou desinvestimento. O BNP Paribas é uma instituição financeira regularmente constituída, com seu funcionamento devidamente autorizado pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para Administrar fundos de investimento. Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou do Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7715999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira a sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: bnpparibas-am.com/pt-br. MATERIAL DE DIVULGAÇÃO, Junho/2024.



CP 07.2024